

HAVERIA UMA IDEOLOGIA EM SKINNER?

Maria da Penha Villalobos *

VILLA LOBOS, Maria da Penha. Haveria uma ideologia em Skinner? *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, 5 (1/2): 71-76, 1979.

RESUMO: A autora toma como base o artigo em que Chomsky procura mostrar como a ideologia interfere na aceitação ou rejeição de uma determinada teoria em psicologia. Analisando particularmente Skinner, a A. procura localizar a ideologia coerente com o behaviorismo, argumentando que este não pode ser aceito por uma ideologia de esquerda, nem por uma de direita e nem mesmo pelo liberalismo. A única explicação que justificaria o entusiasmo com que essa teoria tem sido recebida seria o fato de que, ao negar a liberdade, Skinner "isenta o homem de qualquer responsabilidade moral por suas ações".

PALAVRAS-CHAVE: Skinner. Ideologia.

Em artigo cuja tradução aparece publicada neste mesmo número, Chomsky procura mostrar, a partir da análise de dois exemplos, como razões ideológicas interferem na aceitação ou rejeição de uma determinada tendência em psicologia. A análise empreendida, aliás, diz respeito especificamente à psicologia, mas suas observações seriam procedentes também no caso de outras ciências humanas, a começar pela antropologia, por ele expressamente citadas.

Os casos investigados por Chomsky são os de B.F. Skinner e Richard Herrnstein. Ficarei apenas com o primeiro, dado o seu prestígio no Brasil.

A experiência histórica parece indicar que, em qualquer produção científica não pertencente ao campo das ciências humanas, a aceitação ou não de seus resultados se dá por processos que procuram, sobretudo, medir o grau de verdade existente na teoria, lei, doutrina ou sistema propostos, e não pelas promessas feitas por seu autor. Quando alguém — e não importa que se trate de um professor universitário — nos promete a cura do cancer pela ingestão de um chá de casca de ipê roxo, a comunidade científica procura verificar a even-

* Professor Livre-Docente em Filosofia da Educação do Departamento de Filosofia da Educação e Ciência da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

tual adequação existente entre a promessa feita e a possibilidade de sua realização. Apurada a impossibilidade, a "teoria" e suas promessas são imediatamente rejeitadas (o que não quer dizer, como é óbvio, que leigos não se apeguem a ela sem qualquer crítica).

Mas quando se trata de ciências humanas, observa-se que o processo é diferente. Antes mesmo de uma análise crítica mais criteriosa dos processos empregados para a proposição de um certo resultado, este já é bem recebido ou mal visto por membros da comunidade científica a que pertence seu autor. Isto se dá, em geral, por razões alheias ao mérito científico da proposta em questão, como bem assinalou Chomsky. Todas as análises exaustivamente feitas por ele revelam que este é, sem qualquer dúvida, o caso do behaviorismo radical de Skinner. A imensa distância existente entre as promessas feitas por este psicólogo e os resultados efetivamente alcançados indicam que não podemos esperar de sua parte nenhum progresso real no que diz respeito a uma autêntica ciência do comportamento humano. Assim sendo, é difícil não concordar com a conclusão a que chega Chomsky, isto é, a de que a adesão ao behaviorismo skinneriano, feita de uma forma apaixonada e acrítica, só pode ser explicada por motivos de natureza ideológica.

Tentarei, daqui por diante, localizar uma possível ideologia subjacente à teoria de Skinner, para verificar qual seria o grupo ideológico em condições de ver, nessa teoria, algo que satisfizesse os seus próprios pontos de vista.

A primeira impressão é a de que Skinner, ao negar a liberdade humana, uma vez que nosso comportamento só pode ser explicado mediante um rígido determinismo, estaria favorecendo, com as suas assim consideradas investigações científicas, uma ideologia de esquerda. E esta primeira impressão receberia um reforço adicional pelo fato de Skinner criticar sistematicamente o estruturalismo, por ater-se este a uma análise puramente formal das relações humanas e desconhecer o fator histórico.

Veja-se, contudo, que o determinismo postulado por Skinner limita-se praticamente ao indivíduo; não atinge a sociedade ou a cultura, como se poderia concluir à primeira vista. Em *About Behaviorism*, ele afirma que a evolução de uma cultura não precisa revelar algum objetivo ou direção, nem mesmo algum planejamento: assim como ocorre no fato biológico, uma nova prática pode surgir como se fosse uma mutação, isto é, de forma casual. Por isto, continua Skinner, há várias semelhanças entre os processos de seleção natural, o condicionamento operante e a evolução do meio social, já que os três dispensam um objetivo prévio. E não se trata apenas de dizer que as mutações culturais *podem ser casuais*; até agora, elas *de fato* o foram, pois a mudança planejada e deliberada, tanto no campo do condicionamento operante quanto no da evolução de uma cultura, só poderia ser realizada a partir de conhecimentos fornecidos pela

análise experimental do comportamento humano e tais informações só agora começam a ficar disponíveis.

Como se vê, ao atribuir ao mero acaso a evolução da cultura humana até agora, ou melhor, ao negar o *sentido* da História enquanto não for possível a mudança deliberada com base numa ciência experimental do comportamento humano, ainda incipiente, Skinner liquida de um golpe os historicismos do século XIX, entre eles, como é claro, o marxismo. Mas não é só. Ao supor que a história apenas terá um objetivo quando o conhecimento científico das formas de atuação humana estiver em condições de fornecer os meios para um planejamento deliberado — e registre-se que ele nunca é muito claro sobre o assunto, sobretudo quando atribui ao *meio* essa função, — Skinner parece lançar uma última pá de cal sobre o marxismo, seja porque rejeita a idéia de uma marcha *necessária* da história, seja porque lhe nega caráter científico, uma vez que, ao tempo de Marx, ainda não se constituíra uma ciência “exata” do nosso comportamento. E, suprema heresia, o psicólogo americano parece muito próximo de Maquiavel, pois o planejamento, que agora se vai tornando possível, poderá eleger este ou aquele objetivo.

Assim sendo, creio que para os indivíduos que aderiram a uma ideologia de esquerda esta não deve ser uma doutrina particularmente atraente.

Haveria razões para que os partidários de uma ideologia de direita vissem em Skinner alguém disposto a comprovar cientificamente alguns de seus mais caros postulados como Chomsky parece temer? Também creio que não.

Como todos sabemos, as ideologias de direita não se caracterizam muito claramente do ponto de vista teórico. Elas se parecem mais com o resultado obtido por alguém que procura, sobretudo, encontrar uma justificação teórica para seus preconceitos, seus temores e seus malogros. Mas, de qualquer forma, é sempre possível encontrar alguns elementos comuns entre os vários ideólogos que, com seus escritos, serviram à causa da direita neste século. Ora, entre tais elementos, destaca-se de imediato, quer pelo horror que ele inspira às pessoas de bem, quer pelas catastróficas conseqüências que ele produziu, o racismo. Vejamos pois se este elemento poderia encontrar algum fundamento na teoria de Skinner.

No citado artigo de Chomsky ele discute muito este aspecto mas relacionado com as idéias de Herrnstein. Concordo que uma posição racista poderia encontrar muito apoio em algumas das conseqüências dos pontos de vista expressos por Herrnstein, mas o mesmo não se dá com Skinner.

Para Skinner, todo comportamento é herdado, uma vez que o organismo que se comporta é produto de uma seleção natural. “Uma pessoa é antes de tudo um organismo, um membro da espécie que possui um equipamento genético de características anatómicas e fisiológicas que são o produto de contin-

gências de sobrevivência às quais as espécies foram expostas ao longo do processo de evolução”(1).

A primeira vista esta frase deveria trazer enorme felicidade aos racistas pois, embora ela estabeleça uma relação entre os fatores genéticos e as condições ambientais na produção do comportamento, ela dá uma enorme importância aos primeiros. Poderíamos, neste momento, ter a impressão de estarmos lendo Gobineau quando este introduz, em sua filosofia da história, o fator biológico como sendo o fato decisivo que forma a história e a sustenta. Estaria Skinner, assim como Gobineau, pretendendo subordinar todos os valores à vida ou a seu portador, sendo este a raça ou o povo racialmente determinado? Não nos iludamos, antes de qualquer conclusão apressada é preciso verificar em que nível o equipamento genético determina diferenças fundamentais.

Tais diferenças não surgem no nível do indivíduo. Skinner, não obstante negar explicitamente que o organismo tenha algo do caráter de uma máquina ou de um robot, nega-se a admitir que as diferenças individuais possam explicar as produções geniais, quer artísticas, quer científicas, preferindo atribuir a realização de tais obras às contingências de reforço para evitar a idéia pouco científica, segundo ele, de que existam homens de gênio possuidores de mais energia nervosa criativa que os demais mortais. Ele vai ao ponto de afirmar que um membro da espécie começa como um organismo e torna-se pessoa ou eu à medida em que ele adquire um repertório de comportamento. Ele pode, todavia, tornar-se mais do que uma pessoa ou eu se ele adquirir repertórios diferentes apropriados a ocasiões diferentes e que sejam mais ou menos incompatíveis. Como vemos, não é apenas o indivíduo que desaparece, mas o próprio equipamento genético individual pouco pesa no tocante ao tipo de comportamento de que o indivíduo será capaz face às contingências do ambiente a que ele estiver exposto no decorrer de sua vida. A diferença entre um reconhecido medíocre e um gênio deve ser procurada na história dos reforços a que eles foram submetidos, embora ele admita que as pessoas possam revelar grandes diferenças herdadas.

Não é, portanto, no nível do indivíduo que as diferenças de equipamento genético se fazem sentir de forma fundamental. Como veremos também não é no nível das “raças”. Tais diferenças serão sentidas de forma básica no nível das espécies. “As espécies diferem na rapidez com que podem ser condicionadas e na natureza e tamanho dos repertórios que elas podem manter”(2). É só neste nível de uma diferença originada do equipamento genético é afirmada, sem que esta seja relacionada com fatores ambientais. Cremos poder afirmar que, para Skinner,

(1) SKINNER, R. B. F. - *About Behaviorism*, Alfred A. Knopf, Inc., New York, 1974, p. 207.

(2) Op. cit., p. 222.

mesmo que fosse possível submeter dois indivíduos de ambientes iguais nos quais as contingências de reforço atuassem da mesma forma, ainda assim o comportamento produzido seria diverso.

Assim sendo, não vejo como os racistas poderiam encontrar em Skinner uma prova científica para seus preconceitos pois, embora o nazismo tenha considerado a existência de várias "raças inferiores", não me consta que Hitler tenha encomendado aos biólogos do III Reich uma nova classificação zoológica na qual os judeus, os ciganos, os eslavos etc. constituíssem um grupo não enquadrado no "Homo sapiens". Mesmo porque sabemos que o produto do cruzamento de um judeu com um ariano é um produto fértil, o que por si só já basta para indicar que ambos pertencem à mesma espécie.

Resta-nos ainda dizer algumas palavras finais sobre o liberalismo. Muito pouco precisa ser dito a esse respeito. Em princípio, bastaria lembrar que Skinner é autor de um livro intitulado "Além da liberdade e da dignidade" e que em sua edição brasileira recebeu, de forma muito adequada, o título de "O Mito da Liberdade". É claro que os liberais de todos os matizes não poderiam nunca ser levados a aplaudir as idéias de tal autor. Além disso, como conclusão inevitável da negação da liberdade humana, Skinner advoga uma sociedade que seja caracterizada por um controle estrito de todos os seus cidadãos. A única diferença entre a sociedade por ele preconizada e os estados totalitários, de direita ou de esquerda, que conhecemos, é que ele defende o emprego de formas não aversivas de controle. Acrescente-se a isto o fato de que o emprego de reforços positivos se tem revelado, segundo ele, muito mais eficaz no controle do comportamento do que as punições. Por esta razão, e só por esta razão, sem que haja a interferência de qualquer consideração de ordem ética, ele conclui que a sociedade perfeita, qual seja, aquela onde não mais ocorrerão comportamentos socialmente pouco satisfatórios, não recorrerá a punição como forma de controle.

Creio ver no combate feito aos liberais de todos os tempos uma última contradição em Skinner, se não do ponto de vista teórico, pelo menos do ponto de vista prático. Se não vejamos: ele nos diz em "About Behaviorism", que exercer uma escolha é simplesmente agir e a escolha de que a pessoa é capaz é o próprio ato, e que a pessoa exige liberdade para agir simplesmente no sentido de que ela só pode agir se não houver restrições, quer na situação física, quer nas outras condições que afetam seu comportamento.

Admitamos que assim seja e vejamos quais são as conseqüências deste ponto de vista. A menos que supnhamos possível controlar as contingências de reforço a que serão submetidas todas as criaturas que, nascidas a partir de agora (quanto às já nascidas pouco se poderá fazer, dependendo da duração de suas respectivas histórias de reforço), venham a habitar o planeta Terra, não poderemos nunca saber como reagiriam elas diante de uma dada situação. Assim sendo,

deveria Skinner fazer a defesa de um estado liberal, quanto mais não fosse, para garantir uma dose suficiente de variedade possível de comportamento (já que liberdade não existe) para que cada qual dispusesse do espaço vital necessário para a marcha inevitável de seu comportamento. Pelo menos foi o que fez Stuart Mill, que do mesmo pressuposto, qual seja o do determinismo do comportamento humano, concluiu pela necessidade do estado liberal exatamente por este motivo.

Voltando à pergunta inicial, concluo que a resposta só pode ser uma: a teoria de Skinner não pode satisfazer a nenhuma das ideologias vigentes. Como se explicaria então o entusiasmo com que esta teoria tem sido recebida? A inexistência de qualquer ideologia coerente em Skinner seria uma comprovação de que, pelo menos no seu caso, esse entusiasmo não poderia ser explicado por razões ideológicas, devendo portanto ser atribuído exclusivamente a seus méritos científicos? Também não me parece ser esta a resposta adequada.

Creio que a solução para o problema pode ser encontrada se voltarmos a analisar a posição de Skinner face ao problema da liberdade. Como vimos, ele nega a existência do livre arbítrio e de qualquer escolha livre por parte do homem e talvez seja esta afirmação, que na verdade nada tem de científica, constituindo apenas a manifestação de uma crença, que lhe acarretou tanto adeptos. Ao negar a liberdade, Skinner isenta o homem de qualquer responsabilidade moral por suas ações, libertando-o assim de um fardo pesado que ele não deseja carregar. Ao criticar a literatura da liberdade como responsável pela propagação e manutenção de um mito, ele nos confronta com o fato histórico da ausência de liberdade e procura apresentar este fato como uma prova de seu ponto de vista. Ora na realidade, com exceção dos autores da referida literatura, dos "libertários" de todos os tempos, eu diria que a liberdade poucas vezes se realizou concretamente em termos históricos porque os homens não a desejam. As dúvidas e angústias acarretadas por um processo de livre escolha e pela assunção da responsabilidade por tal opção constitui algo que apavora os homens. Assim sendo, como não entoar Loas a quem nos promete a volta ao Paraíso Perdido, a um mundo seguro e previsível onde tais angústias sejam evitadas?

Talvez Skinner tenha, com a negação da liberdade, que assim como a afirmação contrária não passa da expressão de uma crença, mas que ele apresenta como uma conclusão de caráter científico inegável, encontrado a maneira de ser ideólogo de todos, isto é, aquele que responde aos anseios de quase toda a humanidade.